

VISÃO DO CORREIO

Apostas entram nas salas de aula

Um em cada cinco alunos do ensino fundamental e médio já fez apostas on-line. Entre os estudantes do terceiro ano do ensino médio, a proporção chega a quase metade. E o primeiro contato com as plataformas começa, em média, aos 11 anos. Esses são os dados de uma pesquisa divulgada na semana passada pela Frente Parlamentar Mista da Educação, com 1.912 estudantes de 191 escolas de todo o país. Os números não deixam margem para dúvida sobre a dimensão do problema.

Apostas on-line são legais no Brasil para maiores de 18 anos. Assim como bebida alcoólica e cigarro, trata-se de uma atividade permitida para adultos — regulamentada, tributada e sujeita a regras de funcionamento. O problema é que crianças e adolescentes estão acessando algo que não é para eles, em escala que as barreiras existentes claramente não conseguem conter. A lei proíbe, mas a realidade ignora a lei: 9,5% dos estudantes de até 11 anos já apostaram, e 41% dos meninos do ensino médio também.

A responsabilidade por essa falha é compartilhada, e nenhum dos atores envolvidos está se saindo bem. As plataformas operam com sistemas de verificação de idade que, na prática, não impedem o acesso de menores. Os pais, em sua maioria, desconhecem o comportamento digital dos filhos nessa área específica. As escolas incluem educação financeira nos currículos, mas a pesquisa aponta que letramento financeiro, sozinho, não reduz a exposição às apostas, e estudantes com maior conhecimento financeiro têm, na verdade, maior

probabilidade de apostar. E o governo, que regulamentou o setor, ainda não conseguiu fazer com que as regras de proteção aos menores funcionem na prática.

Soluções centradas no comportamento individual, como orientações para moderar apostas e alertas nas plataformas têm efeito limitado. O que a evidência científica indica como eficaz é colocar a responsabilidade nos atores corretos: restrições à publicidade, tributação mais pesada sobre as transações e medidas de proteção específicas para menores. São escolhas de política pública, não de comportamento individual.

Professores e pais precisam estar atentos a um comportamento que acontece, em grande parte, fora do campo de visão dos adultos, no celular, na conta de um familiar, em plataformas que pedem poucos dados para liberar o acesso. A conversa sobre apostas precisa entrar no mesmo registro que já se tem sobre álcool e cigarro: não como interdição moral, mas como orientação clara sobre o que é permitido para adultos e o que não é para crianças. O problema existe, está crescendo e está nas escolas. Fingir que não está não é uma estratégia.

O governo tem instrumentos para agir, e a pesquisa aponta o caminho. O que falta é urgência. As perdas estimadas entre o público pesquisado ultrapassam R\$ 1 bilhão. Não são apostas feitas por adultos que escolheram assumir esse risco. São apostas feitas por adolescentes que não deveriam ter chegado nem perto das plataformas. Enquanto isso não mudar, todas as partes envolvidas — governo, escolas, famílias e as próprias plataformas — continuam falhando.



DARCIANNE DIOGO
darcianneديوغو.df@dabr.com.br

Fim de festa, candidato

De um lado para o outro, nos quatro cantos do DF, lá estão eles com adesivos nas camisetas, santinhos nas mãos e sorriso estri-dente. Não serei tão radical. Sabemos, há muito tempo, como se comportam os candidatos a alguma coisa. É necessário comer pastel na feira. O povo precisa conhecer. É o momento de apresentar propostas e tor-cer pela mudança. É assim que falamos, não é? Quase nunca é assim, convenhamos.

Não sei se é uma impressão única, mas aquele alvoroço pré-eleitoral está escanteado. Os carros de som, as bandeiras e até as musiquinhas que não saíam da cabeça parecem ter perdido espaço. Há uma explicação para isso. É a descrença. De tropeço em tropeço, candidatos, a in-credulidade ocupa o trono. Uma pesqui-sa conduzida pelo cientista político Jairo Pimentel, da Fundação Escola de Socio-logia e Política, revelou que 41% dos leito-res estão desiludidos com a política; 73% não têm simpatia por nenhum partido; e 22% se abstêm de votar. Os motivos não estão centralizados na esquerda, na direi-ta ou no centro, mas na incapacidade de resolver problemas básicos.

O postulante sente esse clima gélido. Sente tanto que tenta aquecê-lo a todo custo, a começar pelo discurso no palanque. Vomitam promessas, apro-priam-se da dor alheia e das tragédias. Outro dia, erraram feio o nome da Flá-via Gomes, assassinada na frente da fi-lha de 4 anos no Itapoã, ao clamar pe-lo fim da violência contra as mulheres. Nervosismo ou não, erraram. Não me lembro de ter visto nenhum deles no local do crime em apoio à família ou à criança, que permanecia aos fundos da casa, assustada e em choque. Nas redes sociais, porém, não faltaram manifesta-ções de solidariedade.

Sinto informar, futuros governantes, mas

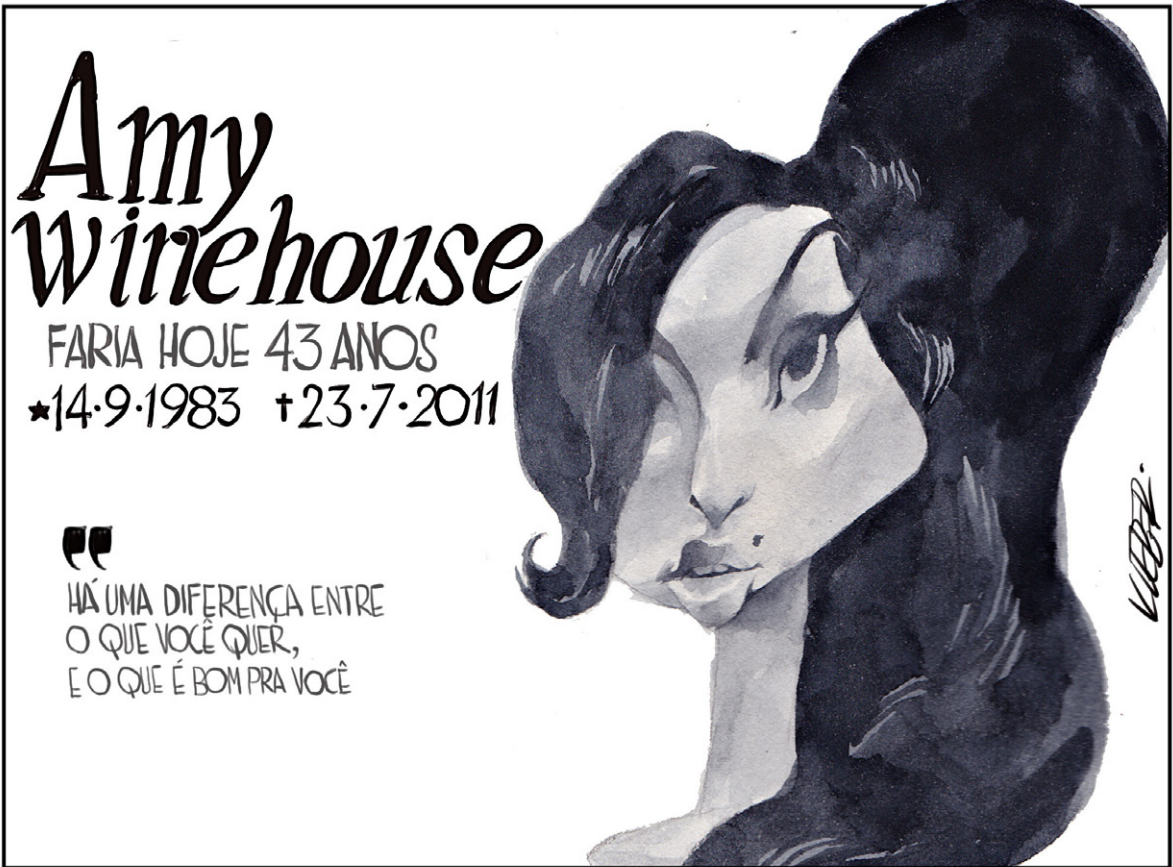
os eleitores sabem distinguir o real e a no-vela. Estamos a menos de um mês das elei-ções. Se eu pudesse definir esta reta final, a palavra seria desespero. Preocupa-me. A afobação leva ao esvaziamento de pautas sérias e importantes.

Ainda no contexto da segurança públi-ca, tomo como exemplo o discurso monta-do em torno do sistema prisional: superlo-tação, o polêmico saidão e ressocialização. Os defensores do bordão “bandido bom é bandido morto” sobem ao estrado para ber-rar o que todos querem ouvir. Na prática, há uma âncora que parece arrastar essas pau-tas para o fundo do mar.

No sistema de busca de Projetos e Pro-posições, no site da Câmara Legislativa, fiz uma consulta com as palavras-chaves “Pa-puda”, “sistema prisional” e “saída tempo-rária”. Em 35 anos, desde 1991, constam 21 projetos de lei — uma média de um PL a cada 1 ano e 8 meses. Há propostas sobre implementação de câmeras corporais, cria-ção de biblioteca na Papuda, suspensão da saída temporária em datas comemorativas, programa de ensino, homenagem etc.

Não cabe a mim dizer se 21 projetos são muito ou pouco. Cabe observar fora do papel. Entre 2025 e agosto de 2026, as cadeias do DF receberam 1.648 no-vos presos, segundo dados da Secre-taria de Administração Penitenciária (Seape-DF). Em reportagem publica-da pelo **Correio** em novembro do ano passado, mostramos também que o DF tinha mais presos que a Bahia e outros 15 estados. Se o sistema acumula pres-os e a reincidência aumenta, as políti-cas estão cambaleando, e os discursos políticos não se sustentam.

Ao que parece, o cidadão deixou a in-genuidade para trás. Continuem pulando, dançando e sorrindo no palanque. Con-vençer, porém, será uma tarefa mais árdua.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Crise no STF

O Supremo Tribunal Federal (STF) chegou ao ponto em que decisões internas são sinais de sobrevivência institucional. O ministro Fachin assumindo a re-latoria e suspendendo as investigações tenta impedir que a Suprema Corte se desfaça em público, enquan-to o país assiste a ministros se anulando, dando ordens contraditórias e disputando protagonismos que pare-cem mais pessoais do que jurídicos. Não há como negar que, quando a instabilidade passa a fazer parte da ins-tituição, o problema é a falta de ética profissional. To-dos querem botar banca de autoridades absolutas e in-questionáveis!

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Limites profissionais

Mulher morre em salão de beleza no DF após inje-ção para queda de cabelo. Precisamos falar sobre os li-mites profissionais. Na área da beleza, a responsabili-da-de termina na estética — começa pela segurança. Proce-dimentos que envolvem injeção exigem conhecimento técnico específico, habilitação e condições adequadas para serem realizados com segurança. O salão de bele-za não deve ser confundido com ambiente de procedi-mentos de saúde. Um profissional precisa ter coragem para reconhecer até onde vai a sua atuação. Nenhuma transformação estética vale colocar a saúde de uma pes-soa em risco.

» **Luziene Araújo**
Porto Seguro (BA)

Imprudência

Chama nossa atenção o grande número de mortes entre os motociclistas. Alguns especialistas apontam que a pressão por entregas mais rápidas estaria no cen-tro desse aumento no número de vítimas. Não discordo de que haja pressão, porém seria razoável também levar em conta que a imprudência não pode se escorar nes-sa pressão por entregas mais céleres, utilizando-a como muleta para a prática de atos infracionais. Basta obser-var o ziguezague das motos, os avanços de sinais verme-lhos, o excesso de velocidade e, por vezes, a condução na contramão. Os motociclistas são parte fundamental de um movimento que não retrocederá. O poder públi-co pode, e deve, conscientizar essa classe trabalhadora de que uma entrega mais rápida não pode se transfor-mar em práticas imprudentes que, ao final, acabam le-vando-a à morte ou à invalidez.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Redução de jornada

Em plena campanha eleitoral, a proposta de substi-tuir a tradicional escala 6x1 pela 5x2 não pode ser tra-tada apenas como uma medida de apelo eleitoral. É evidente que proporcionar mais tempo de descanso e

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Amanhã é um dia decisivo para a história da nossa jovem democracia. Que os interesses do Brasil falem mais alto do que qualquer projeto pessoal!

Flávia Mendes — Lago Norte

“A cura para os males da democracia é mais democracia”, disse Jane Addams, ativista e assistente social norte-americana. Vida longa à democracia brasileira!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Produtor dos EUA impõe condições para liberar dados sobre o filme *Dark Horse*. É claro, então. Tem alguma coisa errada!

Tarcísio Rubens — Brasília

Segurança de feira desconfia de furto, mata pessoa em situação de rua e joga corpo em vala. Esse é o preço de não termos um programa sério para enfrentar esse problema em Brasília. A ausência do Estado favorece os justiceiros!

Mauro Campos — Asa Norte

convivência familiar ao trabalhador representa impor-tante benefício social. Entretanto, também é necessá-rio avaliar com responsabilidade os impactos econômi-cos da mudança. Empresas que precisam funcionar to-dos os dias poderão ter de contratar novos empregados, reorganizar turnos e assumir custos adicionais. Parte dessas despesas poderá acabar incorporada aos preços dos produtos e serviços, atingindo justamente o consu-midor. Pequenos comerciantes e prestadores de servi-ços talvez enfrentem dificuldades ainda maiores para se adaptar. Quantos trabalhadores serão efetivamente beneficiados? Quantas empresas conseguirão absorver os novos custos? Quantos empregos poderão ser cria-dos ou eventualmente reduzidos? E qual será o reflexo na inflação e no orçamento das famílias? Uma mudança dessa dimensão exige estudos técnicos, diálogo e plane-jamento. Melhorar a qualidade de vida do trabalhador é desejável, mas a solução precisa ser sustentável para empregados, empresários e consumidores. Em perío-do eleitoral, decisões econômicas importantes não de-veriam ser tomadas apenas pela popularidade que pos-sam proporcionar nas urnas.

» **João Coelho Vítola**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.			
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br